

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL
CURSO DE HISTÓRIA

ANDRÉ CHACON GALLO

**O MONARCA E A MODERNIDADE: UMA ANÁLISE DA VISITA DO REI
ALBERTO I DA BÉLGICA A SÃO PAULO (1920)**

ITUIUTABA

2024

ANDRÉ CHACON GALLO

**O MONARCA E A MODERNIDADE: UMA ANÁLISE DA VISITA DO REI
ALBERTO I DA BÉLGICA A SÃO PAULO (1920)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História, Licenciatura e
Bacharelado, do Instituto de Ciências Humanas do
Pontal da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito para obtenção do título de licenciado
e bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr^a. Natália Batista Peçanha

ITUIUTABA

2024

ANDRÉ CHACON GALLO

**O MONARCA E A MODERNIDADE: UMA ANÁLISE DA VISITA DO REI
ALBERTO I DA BÉLGICA A SÃO PAULO (1920)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em História, Licenciatura e
Bacharelado, do Instituto de Ciências Humanas do
Pontal da Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito para obtenção do título de licenciado
e bacharel em História.

Aprovado em: _____ / _____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Natália Batista Peçanha

Membro da banca

Prof. Dr. Marco Antônio Cornacioni Sávio

Membro da banca

Prof.^a Dr.^a Geovanna de Lourdes Alves Ramos

AGRADECIMENTOS

Este trabalho só foi possível pois nunca estive sozinho. Se eu cheguei até aqui, é porque andei cercado de pessoas que me fizeram entender a importância dos estudos e de buscar conhecimento. Mãe, pai, sem palavras. Gostaria de ao menos tentar expressar o quanto vocês foram e são essenciais em minha vida, fazendo-se presentes em cada etapa da minha trajetória; reconheço todo o esforço que tiveram para que eu me tornasse uma pessoa preparada para fazer minhas próprias escolhas e colher os frutos delas. Cris, Flávio, minha gratidão é eterna, amo vocês. Impossível não agradecer também a Beatriz, que sempre esteve comigo e que me dá muito orgulho de ser minha irmã. Bê, continue nesse caminho de descobertas e aprendizados, você é inspiração pra minha vida.

Agradeço a Mariana, uma pessoa que soube ser parceira nos momentos mais difíceis dessa trajetória acadêmica, dividindo comigo as angústias e alegrias da vida adulta, sejam elas quais forem. Mari, meu carinho por você é imenso, por você ser quem você é e por estar ao meu lado, te amo.

Não posso esquecer de todas aquelas pessoas que fizeram parte de minha jornada acadêmica, me proporcionando novos aprendizados tanto sobre o curso quanto à vida, sou grato a vocês. Aprendizados esses que aconteciam nos estudos pela universidade, nas longas conversas e até nas festas que íamos.

Ao Curso de História e às/-aos docentes, minha gratidão por possibilitar que houvesse trocas de conhecimento ao longo do percurso, tão caras à nossa área. Levarei pra vida os ensinamentos e aprendizagens. Agradeço os funcionários de limpeza, do restaurante universitário e os técnicos por fazerem um trabalho bem feito e digno, sem vocês ninguém conseguiria se formar.

Por fim, gostaria de agradecer minha orientadora Natália, que nos momentos em que eu estive perdido e sem saber direcionar a pesquisa, soube me ajudar de forma magistral, sanando minhas dúvidas e sendo uma ótima orientadora. Obrigado, professora.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO.....	7
E assim surge o Rei da Bélgica.....	8
O Rei Alberto: um monarca da modernidade.....	10
Anos 1920: um país para um “belga” ver.....	12
Ribeirão Preto e a Fazenda Guatapará: entre o café e a realeza.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

O Monarca e a Modernidade: uma análise da visita do rei Alberto I da Bélgica a São Paulo (1920)

André Gallo¹

Resumo

O presente trabalho busca analisar a visita dos reis da Bélgica ao Brasil, ocorrida em 1920, trazendo ao debate a importância e os impactos desse evento para a construção da imagem do país no cenário nacional, investigando também a relação da elite paulista e os monarcas belgas. A pesquisa se baseia em fontes jornalísticas da época como, por exemplo, o jornal Correio Paulistano, que tem a intenção de apresentar o Brasil enfatizando características que favorecem o país. Ribeirão Preto, município em São Paulo, e a Fazenda Guatapará são trazidos ao trabalho por sua importância no setor cafeeiro, sendo locais onde o rei Alberto e sua comitiva conheceram.

Palavras-chave: Monarcas Belgas; Modernidade; Imprensa.

¹ Graduando em História pela UFU-ICHPO; andrechacongallo@hotmail.com

Introdução

É hoje o aniversário da proclamação da República. A data de 15 de Novembro é hoje um dos pontos culminantes da história pátria. Não exprime unicamente uma revolução política. Exprime também, exprime principalmente uma evolução social. A revolução sempre se traduz pela violência, pela subversão, pela desordem. É algumas vezes a luta fratricida, é muitas vezes o sangue. O acontecimento, porém, de 15 de Novembro do ano passado nem mesmo acarretou momentânea desordem na sociedade por ocasião da substituição de um a outro governo.²

Ao final do século XIX, acontecia no Brasil um momento histórico marcante: o declínio do Império para a chegada da República. Já naquele período, a imprensa propagava a dicotomia entre monarquia e império, como bem aponta Maria Tereza Chaves de Mello³. Apenas com essa constatação, faz-se possível verificar a importância dos jornais e periódicos naquela época, fazendo com que fosse fomentado o debate político dentro da sociedade. De acordo com Mello (2009, p. 16), as publicações nos jornais da época conectavam a monarquia com termos pejorativos – “tirania”, “apatia”, “atraso”, entre outros. Em contrapartida, a república é trazida juntamente com termos que a enaltecem – “liberdade”, “soberania popular”, “progresso”. Dessa forma, Mello finaliza a análise pontuando que uma forma de governo está conectada ao passado, outra ao futuro.

A dicotomia apresentada por Mello faz com que as contribuições de Reinhart Koselleck (1979) acerca do conceito de modernidade entrem no debate. Segundo o autor:

A expressão [época moderna ou tempo moderno] apenas qualifica o tempo como novo, sem informar sobre o conteúdo histórico desse tempo ou desse período. O aspecto formal da expressão só ganha sentido a partir do contraste com o tempo anterior, o tempo “velho”, ou, quando empregado como conceito de época, em oposição às definições do período de tempo anterior (Koselleck, 1979, pp. 269-270).

Logo, o ‘tempo moderno’ de Koselleck pode ser associado com a república retratada nos jornais brasileiros de 1920, justamente pelo fato de que há uma ligação do novo regime político com um tempo novo que alvorece no país, em contraposição à

² *Correio Paulistano*. São Paulo; 15 de nov. de 1890 (adaptado).

³ MELLO, M. T. Chaves de. A Modernidade Republicana. Rio de Janeiro, 2009, p. 16.

monarquia, conectada ao atraso e a um momento que já se foi, ficando no passado. Aqui, faz-se importante o entendimento de que o surgimento da ideia de modernidade se dá a partir da busca pelo novo tempo, entendendo-o como o alargamento da análise dos tempos e acontecimentos históricos.

Ainda inserido na busca pela modernidade, tendo como foco a ideia de progresso, em 1920 houve no Brasil uma visita ilustre, a vinda do rei Alberto da Bélgica e da rainha Elizabeth, acompanhados de sua comitiva real. Este acontecimento movimentou diversos setores da sociedade brasileira, suscitando e efervescendo debates acerca da modernização do país. No presente trabalho, será feita uma análise da visita do rei da Bélgica ao Brasil, entendendo os motivos pelos quais um chefe de Estado como o rei Alberto da Bélgica enveredou-se numa visita ao Brasil, pelo estado de São Paulo e, mais especificamente, por uma cidade do interior paulista, Ribeirão Preto.

E assim surge o Rei da Bélgica

Antes de analisarmos esta visita, não é demais apresentar o percurso que me levou a chegar a este problema de pesquisa. Para isto, retomo ao ano de 2023, quando estava em minha cidade natal, Ribeirão Preto. Naquela ocasião eu estava em busca de um tema de pesquisa, ainda perdido dentre tantas possibilidades. A vontade inicial estava voltada a uma questão pessoal: pesquisar o clube da cidade pelo qual eu torço, o Comercial Futebol Clube. Tendo como tema principal o clube de futebol, fui atrás de fontes documentais no Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto, com esperanças de encontrar vasto material.

Porém, não foi o que ocorreu, poucas fontes sobre o clube foram localizadas. Mesmo as expectativas não sendo alcançadas, o início da pesquisa foi possível por conta de uma fotografia que passaria batido não fosse uma reunião de orientação na qual foram apresentadas à orientadora as documentações encontradas referentes ao Comercial Futebol Clube. Na fotografia, estava presente o rei Alberto da Bélgica acompanhando a partida do Commercial Foot-Bal Club, no ano de 1920.

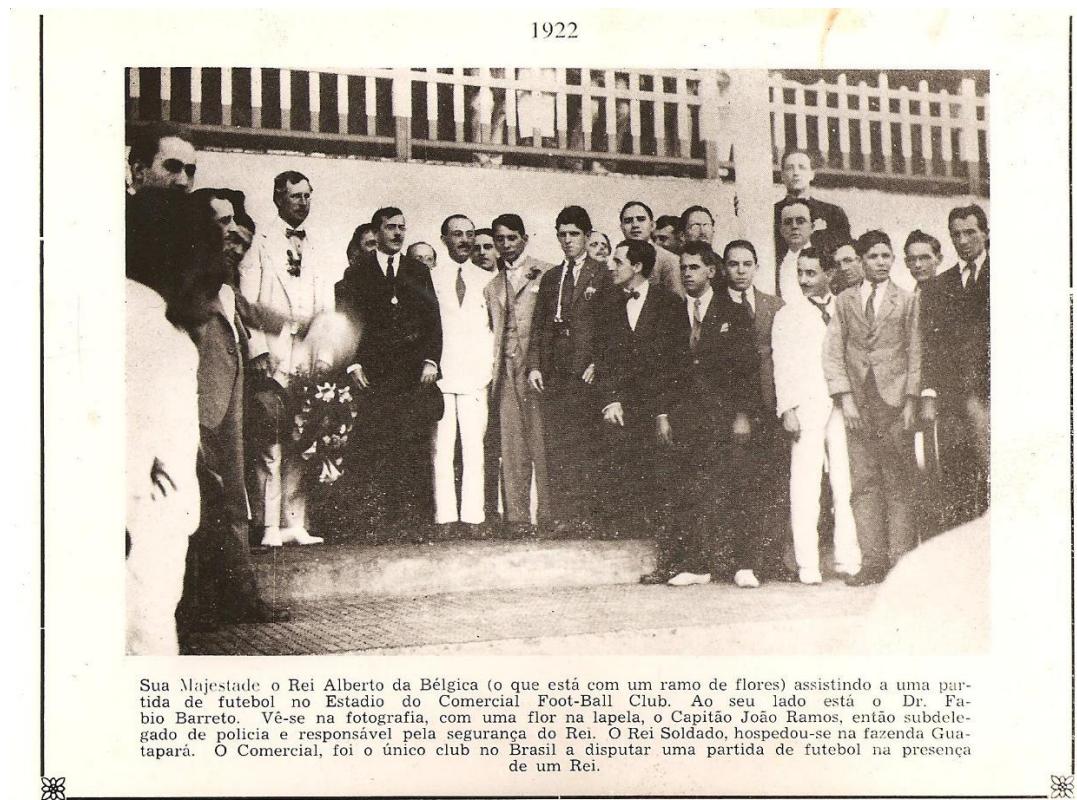


Imagen 1: fotografia do rei Alberto no estádio do Comercial em 1920⁴

Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

A partir disso, a pesquisa finalmente começou a acontecer, ramificando para outros lugares e chegando a análises diversas. Os sinais sutis – presentes na fotografia – foram elementos que me abriram o olhar para outros indícios, possibilitando a formulação do problema de pesquisa. Para Carlo Ginzburg (1989), a realidade muitas vezes é complexa e o paradigma indiciário proporciona uma possibilidade de trabalhar essa questão, permitindo que os historiadores consigam analisar o passado através de documentos diversos que podem não ser diretos⁵.

Uma vez apresentado o percurso de pesquisa que me levou à formulação do problema apresentado, é importante entender quem foi o rei Alberto e o que ele representava ao Brasil naquele momento histórico, dando enfoque ao modo como a

⁴ No Arquivo, consta que a fotografia foi tirada em 1922. Porém, após pesquisas feitas nas fontes, ficou evidente que ela foi tirada no ano de 1920.

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre o paradigma indiciário, ler *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, livro escrito por Carlo Ginzburg.

imprensa construiu uma imagem idealizada dos belgas, utilizando-se de uma linguagem exaltada e sensacionalista tendo como foco o envolvimento dos brasileiros com a vinda dos monarcas ao país.

O Rei Alberto: um monarca da modernidade

No ano de 1920, havia se passado apenas dois anos do fim da Primeira Guerra Mundial, e um dos episódios da chamada Grande Guerra que interessa aqui é a invasão da Alemanha em terras belgas. Comandada por Alberto I, as tropas belgas conseguem expulsar os alemães de seu território, fazendo com que o rei se tornasse um herói militar não somente em território nacional, mas em diversos países, como o Brasil, prestigiado e respeitado, criando-se uma relação fraternal entre Bélgica e Brasil. Tal questão é bem ilustrada na edição de 5 de outubro de 1920 do jornal *Correio Paulistano*, que celebrava a chegada dos reis da Bélgica em São Paulo e convocava os cidadãos paulistas à grande recepção:

Ele, como já o dissemos, não é um estranho no nosso país; pertence um pouco a cada povo, pois, por todas as nações, expôs a sua vida e a dos seus súditos. É um paladino universal, um expoente de todas as consciências livres; no brilho da sua espada incidiram todas as vontades vigilantes e todas as ideias de liberdade. Do seu triunfo dependia a tranquilidade das nossas famílias, o equilíbrio das nossas condições de vida e a integridade da nossa honra. Em boas mãos estava a lâmina luzidia predestinada a tão grandiosos comprometimentos. A história da Bélgica da grande guerra equivale à da Grécia de Temístocles: o mesmo devotamento e a mesma coragem enaltecem, em épocas tão distantes, essas duas pátrias de heróis e de mártires.⁶

Joaquim Roberto de Azevedo Marques foi o fundador do referido jornal, que se alinhou politicamente a diversos âmbitos – entre outros, ora liberal ora republicano –, moldando-se a seus próprios interesses mercadológicos. Pelo trecho desta edição, pode-se observar a construção que o jornal buscou fazer de colocar os feitos de um belga conectados com os brasileiros, criando-se uma relação fraternal a partir do triunfo de Alberto e dos belgas na guerra, como se eles estivessem pondo suas vidas em risco não apenas à sua nação, mas também à proteção das famílias, das vidas e da honra brasileira.

⁶ *Correio Paulistano*. São Paulo; 5 de out. de 1920.

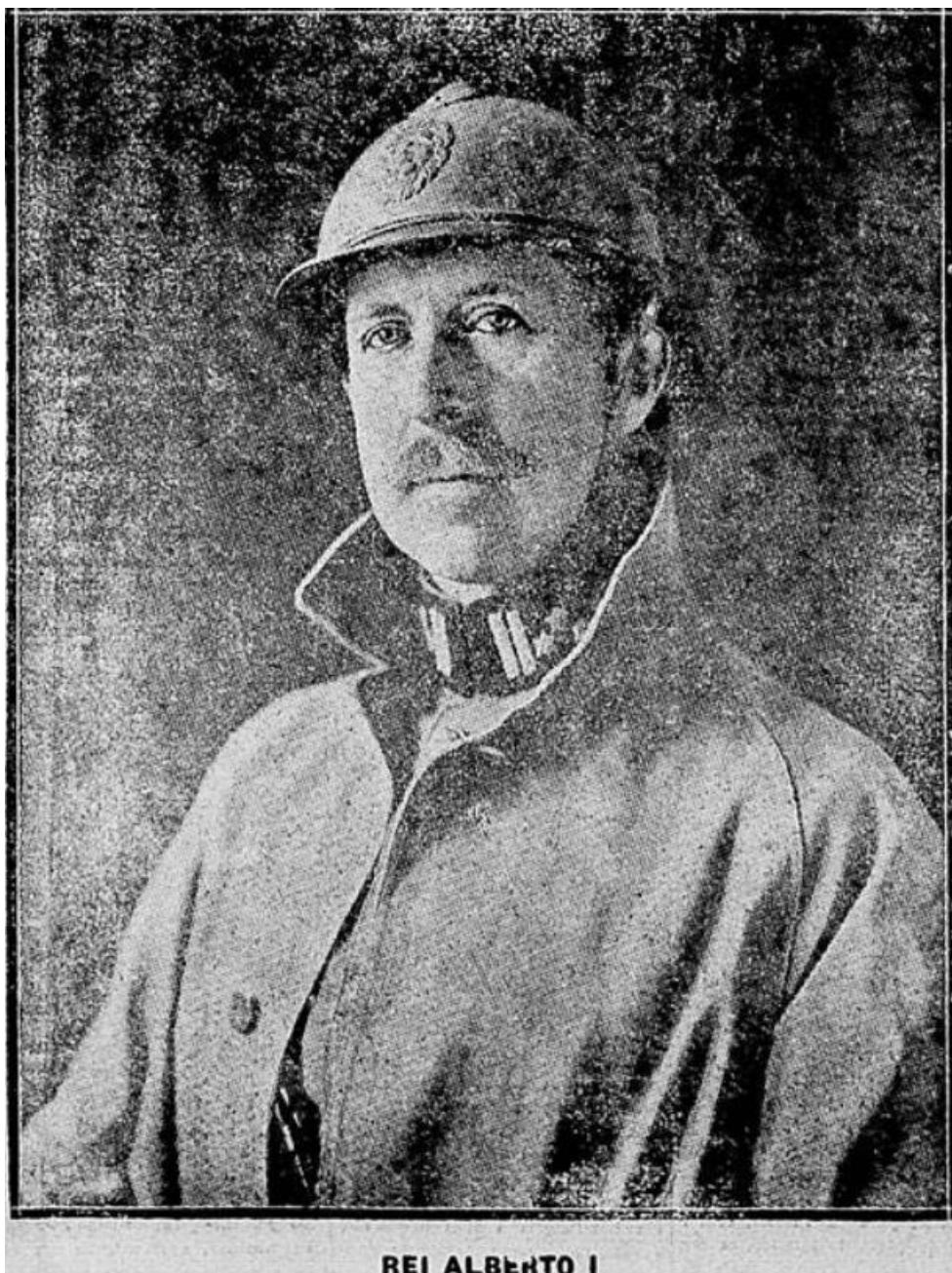


Imagen 2: Fotografia do rei Alberto presente na capa do jornal Correio Paulistano

Fonte: Correio Paulistano (05 out. 1920)

Ademais, o trecho citado acima do *Correio Paulistano* explicita o que Marialva Barbosa (2007) diz sobre a imprensa brasileira da década de 1920. A historiadora, em um de seus trabalhos, analisa a imprensa – majoritariamente a do Rio de Janeiro – do século XX, caracterizando-a como sendo sensacionalista, dando enfoque às notícias de sensação e às “notas sensacionais” (Barbosa, 2007, p. 49). O jornalismo sensacionalista fazia com

que o leitor se sentisse participante daquela história escrita na matéria, tanto por tratar de uma sociedade da qual ele fazia parte quanto pela mistura de elementos reais e fictícios. Criava-se, assim, um vínculo entre realidade e fantasia, onde elementos racionais e irracionais coexistiam nos textos jornalísticos. As reflexões sobre a análise jornalística continuam. Como destaca a historiadora, “os elementos passionais não podem ser ocultados, sob pena de não despertar o interesse do leitor, mas ao mesmo tempo não é possível exagerar nas tintas descritivas, sob pena de transportar a notícia para o lugar do folhetim” (Barbosa, 2007, p. 50). Ou seja, existia na década de 1920 um certo esforço de trazer na notícia o lado passional que interessava o leitor, mas sem exageros, ficando pendurada na linha tênue entre a notícia, que tem o compromisso com a veracidade, e o folhetim, no qual havia uma maior possibilidade de exagero ficcional da escrita.

Voltando ao exemplo dado do *Correio Paulistano*, pode-se verificar tal sensacionalismo jornalístico juntamente com a presença da escrita passional, tendo em vista a busca pelo engajamento do povo paulistano à chegada do rei na cidade, colocando-o como um “paladino universal”, que a espada na qual ele ergueu continha “todas as ideias de liberdade”. Ainda com foco na busca por envolver os paulistanos na recepção do rei nas ruas da cidade, o jornal redige uma espécie de convite ao povo de São Paulo, pedindo a “todo o comércio e aos particulares que, tomado na devida conta tão importante acontecimento, providenciem para que suas casas sejam embandeiradas, iluminadas e enfeitadas, de modo a que as ruas correspondam à honra de tão insigne visita”⁷.

Com os expostos anteriores, já ficou nítido que a pesquisa analisa, pela ótica da imprensa, a visita do rei Alberto e da rainha Elisabeth ao Brasil em 1920, entendendo os motivos de sua vinda, assim como os debates acerca do que seria apresentado à realeza e o que seria disfarçado sobre a sociedade brasileira. Para isso, é importante levar em consideração o momento histórico passado no Brasil na década de 1920.

Anos 1920: um país para um “belga” ver

A recente república brasileira buscava se embalar nos trilhos da modernização nacional, tendo como modelo as nações europeias e estadunidenses⁸. Para analisar a

⁷ *Correio Paulistano*. São Paulo; 5 de out. de 1920.

⁸ Para uma leitura aprofundada, ler *História da vida privada no Brasil – volume 3*, livro organizado por Nicolau Sevcenko.

sociedade brasileira de 1920 e sua busca por uma construção da modernidade, torna-se interessante o olhar atento ao momento da visita da realeza belga ao Brasil. Parte da sociedade entrou em êxtase com a notícia da vinda dos reis. A capital federal, Rio de Janeiro, foi modernizada para que a realeza fosse recebida com toda sua entendida importância. Entretanto, as reformas na capital não foram tomadas como necessárias à toa, tanto o governo quanto uma parcela da população brasileira viram naquele momento histórico a oportunidade de se lançarem e se mostrarem ao mundo, com o melhor que o Brasil poderia oferecer – segundo aqueles que detinham o poder –, tanto nas questões culturais e sociais, assim como na economia. Sueann Caulfield aponta que a vinda da realeza ao Brasil colocaram à tona debates que já tinham sido iniciados no país como, por exemplo, “visões alternativas sobre identidade nacional, modernidade e demarcações baseadas em relações de gênero no espaço público” (Caulfield, 2005, p. 37).

O Brasil do início do século XX, principalmente o Rio de Janeiro, vivia um momento de modernização muito por conta da introdução da *Belle Époque* na capital federal. Nicolau Sevcenko (2003) analisa essa questão no Brasil, dando enfoque ao Rio de Janeiro, entendendo tal introdução como sendo compulsória pois as elites cariocas impunham os padrões cosmopolitas advindos de países da Europa – França e Inglaterra, por exemplo – à vida urbana carioca. Segundo o autor, essa ação estava ligada à busca de apagar e distanciar a imagem insalubre dos centros do Rio de Janeiro, formando assim as favelas e os cortiços nas periferias da cidade, afetando os mais pobres e necessitados da sociedade. À época, as elites brasileiras buscaram impor uma identidade ao Brasil semelhante às nações de progresso, e as elites cariocas participaram dessa agenda, determinadas a triunfar a qualquer custo, com a busca pelo ideal de progresso deles como sendo constantes e desenfreadas, sem se importar com o bem-estar e a qualidade de vida de certas classes sociais.

Ainda segundo Sevcenko, tal inserção compulsória do Rio de Janeiro na *Belle Époque* trouxe mudanças nas áreas da economia, do social e do político no país. Uma das consequências dessas mudanças, de acordo com o historiador, são as crises, explicadas pela súbita mudança na ordem cultural e social brasileira, com a implementação da ideia de modernização europeia – de certa forma, tal implementação não se encaixava com a realidade vivida no Brasil. Com o aumento da população no Rio de Janeiro, Sevcenko aponta que os mais pobres da sociedade começam a ser afastados dos centros da cidade,

com a demolição de cortiços e casarões, criando assim as favelas, localizadas nas periferias da cidade.

Luciana Pessanha Fagundes (2022), ao analisar especificamente a visita do chefe de Estado belga no Brasil e de quais formas tal acontecimento afetou a relação belga-brasileira em 1920, verifica que houve alterações nas cidades brasileiras, com fins de modernizá-las e buscando uma certa equiparação à Bélgica: “Neste sentido, a cidade do Rio de Janeiro reformada, iluminada, saneada, e modernizada, figurava como símbolo que o Brasil havia finalmente ingressado na era do progresso e da civilização” (Fagundes, 2022, p. 12).

Já no final da década de 1910, São Paulo passava por transformações tanto em sua sociedade quanto na disposição da área urbana. Sevcenko (1992) traz algumas dessas modificações, pontuando o êxtase vivido à época após inúmeros episódios traumáticos da história mundial. Num dado momento de seu texto, o autor analisa crônicas de dois jornalistas que trazem de forma diversa o momento vivido: o primeiro aborda a sociedade como sendo diversa e estranha entre si, mas, mesmo assim, consegue agir coletivamente, adquirindo uma nova identidade; já o segundo jornalista coloca a sociedade como impossibilitada de se comunicar entre si e entrar num certo consenso, justamente por conta da vigência de novas condições de vida. Sevcenko (1992) aborda também a importância e grandeza de São Paulo naquele momento:

No caso de São Paulo, o problema era obviamente muito mais delicado. É em torno de 1919-20 que – refletindo sobre o grande crescimento industrial do período de guerra, as estatísticas do último censo demográfico-econômico, a iminência de se tornar um dos palcos da celebração do centenário da Independência e o complexo conjunto de reformas urbanas desenvolvido nesse momento – a imprensa suscita e repercute, ao mesmo tempo, a imagem de São Paulo como uma das grandes metrópoles do mundo, com um ritmo prodigioso de crescimento e potencialidades incalculáveis de progressão futura (Sevcenko, 1992, pp. 36-37).

Como já era de se esperar, a vinda do rei Alberto e sua comitiva real ao Brasil foi intensamente veiculada em diversos jornais, revistas e periódicos meses antes da visita, tendo como foco as discussões acerca do que seria mostrado aos belgas, com o “melhor” que o Brasil poderia oferecer, assim como a busca pela divulgação aos brasileiros acerca da grandeza de tal visita). No dia 15 de setembro de 1920, 4 dias antes da chegada da

comitiva real ao Brasil, a revista paulistana *A Cigarra* publica uma crônica⁹ na tentativa de demonstrar aos habitantes de São Paulo a honra de receber os reis da Bélgica no Brasil, entendendo tal visita como sendo um ato de respeito da Europa sobre o Brasil. Desta forma, ainda segundo a revista, as humilhações e vergonhas que o Brasil havia passado anteriormente – retomando o passado colonial – estavam sendo “compensadas” com visita tão importante. Ademais, ainda na crônica, o texto traz debates sobre o que seria mostrado aos reis e, consequentemente, ao mundo e à Europa principalmente: o esporte é colocado como um dos focos de atração para apresentar ao rei, entendendo que uma partida de futebol não iria atrapalhar o programa oficial, muito pelo contrário, enriqueceria sua estada no Brasil:

Deste modo nós nos vemos na obrigação de nos apresentarmos a esses visitantes ilustres e amados, antes de tudo, como bons elementos esportivos. Que venham depois o Pão de Açúcar, a Copacabana, as fazendas de café e outros atrativos... Quanto às recepções, aos chás, aos banquetes, que se adiem, ora bolas!¹⁰

A análise das fontes paulistas faz-se interessante para entender a ótica da visita fora da capital, assim como o que havia no estado àquele momento que poderia chamar a atenção da realeza, segundo aqueles que detinham o poder – os cafezais e as ‘bandeiras’ são elementos de interesse que mais se destacam. Não à toa, o jornal *Correio Paulistano* aborda em uma de suas colunas, no dia 8 de outubro de 1920, a chegada do rei Alberto da Bélgica e sua comitiva real na fazenda Guatapará, localizada no município de Ribeirão Preto. Dentre diversas atrações aos belgas, os cafezais foram um dos lugares visitados, fazendo com que os cafés paulistas despertassem o interesse do rei, segundo o jornal.

⁹ A referida crônica foi escrita em 1920, assim como grande parte das fontes. Logo, a norma padrão da língua portuguesa atual difere da exercida na década de 1920 (um exemplo é o caso de crônica ser escrito “chronica” anteriormente). Tendo tal questão em vista, serão adaptados até o final do trabalho casos semelhantes da escrita para melhor entendimento.

¹⁰ *A Cigarra*. São Paulo; 15 de set. de 1920.

Imagen 3: Capa do jornal *Correio Paulistano*Fonte: *Correio Paulistano* (8 de out. de 1920)

Um marco histórico importante na história de São Paulo apresentado ao rei Alberto foi o passado das ‘bandeiras’, enaltecedo os bandeirantes e os próprios descendentes vivos deles. Luciana Fagundes (2022) traz essa questão de forma brilhante, com a análise de jornais paulistas da época como, por exemplo, *A Capital*. Na edição de 6 de outubro de 1920, um dia após a chegada dos soberanos belgas a São Paulo, o jornal trazia a vibração e alegria da população paulista com a chegada da comitiva real à cidade, “com a mesma perseverança demonstrada pelos seus avós – os bandeirantes!”¹¹. De

¹¹ *A Capital*. São Paulo; 6 de out. de 1920.

acordo com Fagundes (2022), “é marcante na citação acima a referência à ancestralidade bandeirante, distinguindo o povo paulista, ao mesmo tempo em que se procura incluí-lo na “alma brasileira”, ao vibrar com a presença real” (Fagundes, 2022, p. 159). Ou seja, certos momentos históricos ocorridos no passado – os bandeirantes é exemplo claro disso – eram tidos como demonstração de grandeza e orgulho do estado e, até mesmo, um dos marcos de construção da nação; característica esta que é oposta ao que a capital carioca buscava apresentar aos belgas. Segundo Fagundes (2022), a visita da realeza fez com que o Rio de Janeiro, local chave à visita, fosse modernizado. Logo, foram iniciadas as reformas nas ruas da cidade, com foco no saneamento básico, na iluminação pública e no asfaltamento das ruas, assim como a derrubada de cortiços e afastamento dos moradores deles do centro da cidade. Tais atos tinham como propósito demonstrar ao rei Alberto da Bélgica – e ao mundo, no geral – que o Brasil havia entrado no mundo do progresso de fato. Ou seja, para se tornar possível tal concepção, a capital buscou esconder o passado escravista brasileiro, assim como parte da sociedade indesejada, tomando as nações europeias como modelo de civilização, progresso e modernidade, e algumas destas ações diferem das de São Paulo.

A visita dos belgas ao Brasil evidenciou o desejo das elites em projetar ao país e ao mundo uma imagem de progresso e modernidade, inspirada nos moldes europeus. No Rio de Janeiro, aconteceram diversas reformas urbanas, enquanto em São Paulo ocorria a reafirmação de uma identidade regional. Dessa forma, a capital brasileira buscava ocultar desigualdades e o passado colonial para exibir um caráter cosmopolita, ao passo que São Paulo valorizava aspectos econômicos e históricos, evidenciando certas distinções entre os estados acerca da recepção e do que seria apresentado aos belgas.

O próximo aspecto que será analisado a seguir diz respeito à estada dos belgas em Ribeirão Preto, que também foi acompanhada pela imprensa. Recebido com festejos e cercado de figuras políticas locais, o rei Alberto visitou a Fazenda Guatapará, uma das maiores produtoras de café do país, e conheceu a cidade, acompanhando uma partida de futebol. O evento trouxe visibilidade para a cultura e economia de São Paulo, ao mesmo tempo que refletia a ambivalência das elites brasileiras da época, que buscavam construir uma identidade nacional moderna.

Ribeirão Preto e a Fazenda Guatapará: entre o café e a realeza

Entre os dias 8, 9 e 10 de setembro de 1920 o rei Alberto e sua comitiva real visitaram Ribeirão Preto, cidade localizada no interior de São Paulo, saindo de trem da capital. O jornal *Correio Paulistano* noticiou a chegada dos belgas na Fazenda Guatapará, comentando sobre a fazenda em si, assim como a visita dos soberanos belgas, aguardados por diversos políticos e administradores da fazenda.

Com a chegada do rei, iniciou-se a recepção com a banda de música da fazenda tocando o hino nacional belga e o brasileiro. O então prefeito de Ribeirão Preto, João Rodrigues Guião (PRP), deu as boas-vindas à comitiva real em francês, para que ele fosse mais bem compreendido pelos belgas.

De acordo com o *Correio Paulistano*, a fazenda Guatapará, em 1920, era tida como uma das maiores produtoras de café do estado. Ainda na coluna do jornal, são rasgados elogios sobre a fazenda e o palacete onde os soberanos belgas se estabeleceram naqueles dias:

O palacete, em que estão hospedados os reis, o príncipe Leopoldo e comitiva, é uma luxuosa vivenda, construída ao centro de um parque de beleza extraordinária, com muitos canteiros e flores raras.¹²

Dadas as informações sobre a recepção real, o *Correio Paulistano* dá detalhes, na quarta página, sobre a fazenda e suas produções: a Guatapará contava, em 1920, com 2 milhões de cafeeiros e atingiu naquele ano 20 mil sacas de açúcar – sem contar a produção de farinha, mandioca etc. Além disso, o periódico salientava também que a fazenda tinha criações de gado e suínos. Aparentemente, essas características da fazenda foram levantadas pelo jornal não somente tendo fins informacionais, mas também para mostrar aos leitores a grandeza e importância do lugar onde os soberanos belgas tinham se mantido naqueles dias.

Já na edição do dia 11 de outubro de 1920 do mesmo jornal, o *Correio Paulistano*, é comentado sobre o dia anterior, ainda na fazenda, onde o rei acordou cedo para praticar natação na piscina da Guatapará. Uma das questões evidentes nas colunas sobre o rei é justamente essa tentativa de se tornar “próximo” do monarca, de trazer detalhes minuciosos de sua rotina diária – tal característica jornalística não permanece apenas

¹² *Correio Paulistano*. São Paulo; 8 de out. de 1920.

quando o rei esteve em São Paulo, mas no Rio de Janeiro também. De acordo com Fagundes (2022), o cotidiano do rei relatado na imprensa foi um dos possíveis motivos da imprensa ter aumentado suas vendas naquele momento, pois “[...] o comportamento informal do rei Alberto [...] atingiram uma nota sentimental e ressonante da memória afetiva dos brasileiros” (Fagundes, 2022, p. 253), sendo comparado com a memória de Dom Pedro II, tido como um monarca simples e bem quisto pelo povo.



Imagen 4: Fotografia da família belga na Fazenda Guatapará

Fonte: Correio Paulistano (11 de out. de 1920)

Após seu banho de piscina, Alberto teve a companhia de Alves Lima, então diretor-presidente da Companhia Fazenda Guatapará, para conhecer melhor a fazenda, indo até os engenhos de açúcar, as máquinas de beneficiar café e também os campos de criação. Após o passeio, os belgas almoçaram “pratos tipicamente nacionais”¹³.

Com o almoço concluído, era o momento do rei Alberto se dirigir à cidade de Ribeirão Preto, ainda na companhia de Alves Lima, retornando à fazenda apenas às 18 horas. Nesta ida à cidade, Alberto visitou o estádio do Commercial Foot-Ball Club – atual Comercial Futebol Clube – às 15 horas e, de acordo com o jornal, ninguém esperava que ele aparecesse por lá. De qualquer forma, Alberto foi recebido pelo presidente do clube à época, Antonio Uchôa.

Na ocasião, estava prestes a iniciar a partida entre Commercial e Palestra Italia – atual Palmeiras –, com o rei assistindo ao primeiro tempo da partida na tribuna de honra, acompanhado de diversos homens influentes na região. Alves Lima e Uchôa diziam ao rei sobre o Commercial, citando a ida do clube a Recife, saindo de lá invicto e, posteriormente, sendo apelidado de “Leão do Norte”.

Ainda na cidade de Ribeirão Preto, o rei Alberto esteve na companhia de Cícero Prado, filho de Martinico Prado – aqui, é importante pontuar que Martinico Prado, assim como grande parte da família, foi um homem de influência política e econômica no estado de São Paulo, sendo o proprietário da Fazenda Guatapará até sua morte, em 1906, e deputado provincial; Martinico foi filho de Martinho da Silva Prado e irmão de Antônio Prado, ex conselheiro do Império. Enquanto Alberto e Cícero andavam nas ruas da cidade, algumas pessoas buscavam conseguir ver o belga: de acordo com o *Correio Paulistano*, os habitantes de Ribeirão Preto lamentaram o pouco tempo que o belga permaneceu ali pois eles admiravam aquele “augusto herói”.

Um dos pontos primordiais do presente trabalho é construir uma relação entre a estada dos monarcas belgas com a família Prado que, por sua vez, estava preocupada com o projeto de modernização em São Paulo que englobava tanto o âmbito econômico quanto o cultural. No que tange o aspecto cultural, é importante salientar que o modernismo,

¹³ *Correio Paulistano*. São Paulo; 11 de out. de 1920.

movimento no qual a família Prado estava engajada, tinha um compromisso em construir uma identidade nacional brasileira, porém essa questão é contraditória, tendo em vista a exaltação a elementos europeus. Monica Pimenta Velloso (2006) analisa tal contradição, retornando a 1870 que, segundo ela, é o ano no qual os intelectuais brasileiros já estavam pensando e discutindo sobre o conceito de nacionalidade. Segundo a autora:

Mesmo de uma forma que poderíamos denominar “envergonhada” reconhecia-se a nossa identidade mestiça, buscando-se estudá-la. Mas predominava ainda a idéia da segmentação entre o superior (europeu) e inferior (Brasil), sendo reservado a cada uma das etnias o seu respectivo espaço (Velloso, 2006, p. 356).

Em síntese, a estada desses poucos dias dos belgas em Ribeirão Preto no ano de 1920 incluiu a visita pela Fazenda Guatapará que, à época, uma das mais produtivas fazendas de café. Nesta visita, o rei Alberto e sua comitiva se interessaram pelas plantações de café, assim como as usinas e outras estruturas produtivas. O café foi bastante visado pelos monarcas pelo fato de que seu valor econômico, à época, chamava atenção, pois o Brasil liderava mundialmente a exportação do produto.

Já na área urbana, os soberanos estiveram presentes numa partida de futebol e nas ruas da cidade. O fato acerca da ida ao estádio da Rua Tibiriçá demonstra não somente o interesse do rei pelo esporte, mas também um momento relevante para o futebol em Ribeirão Preto: a presença de uma figura de prestígio internacional como Alberto trouxe visibilidade ao esporte local, fomentando o debate acerca das ampliações do alcance no que tange o futebol daquela região¹⁴.

Considerações finais

A visita dos reis da Bélgica ao Brasil no ano de 1920, a partir da análise sobre as fontes jornalísticas da época, demonstra uma confluência entre a lógica da modernidade com a busca por construir uma nova identidade nacional. Mais do que um evento nacional, a estadia dos monarcas belgas em solo brasileiro serviu de afirmação do Brasil

¹⁴ Uma curiosidade trazida em 2017 pela *Revide*, revista da região de Ribeirão Preto, sobre o primeiro estádio que o Comercial mandava seus jogos, o estádio da Rua Tibiriçá – também conhecido como o primeiro estádio da cidade de Ribeirão Preto – foi um dos primeiros do estado de São Paulo a ser instalado grama natural, ainda na década de 1920. Talvez, por influência do rei, mas também pelo fato de que a mudança da terra para o gramado agradava o gosto do perfil elitista da torcida comercialina à época, composta por pessoas que não apreciavam a poeira levantada durante as partidas. Tal curiosidade pode também ser vista como uma memória local, que ainda habita nos dias atuais.

como nação moderna e civilizada dentro do cenário internacional. A estada dos monarcas foi acompanhada e amplamente difundida pela imprensa, utilizando-se de uma linguagem que exaltava o ocorrido, idealizando os belgas e associando-os a valores de modernidade e progresso.

A modernização das cidades brasileiras, principalmente a capital, foi impulsionada por essa visita, tendo como guia os padrões europeus de desenvolvimento. Já a elite paulista, ao se envolver com os monarcas, buscou legitimar sua posição social e política, utilizando a visita como uma oportunidade para reafirmar sua influência e promover a imagem de um Brasil que estava finalmente embarcando na modernidade.

Obviamente, o assunto não foi esgotado. Existem ainda diversas lacunas e possibilidades de análise acerca desse evento que marcou o ano de 1920 que não foram exploradas como, por exemplo, a ida dos belgas ao estado de Minas Gerais, assim como outras cidades de São Paulo – Santos e São Carlos são duas delas. O Rio de Janeiro, sem dúvidas, foi o local mais importante da visita, porém o foco da pesquisa situou-se no estado de São Paulo, deixando de lado os ocorridos na então capital brasileira. Um possível aprofundamento do presente trabalho pode ser feito tendo como foco a relação da visita dos belgas com o Comercial Futebol Clube, levando em consideração quem eram seus dirigentes, de que forma o clube estava conectado à população de Ribeirão Preto e os detalhes minuciosos dos motivos pelos quais Alberto esteve presente no estádio.

Por fim, a visita dos belgas ao Brasil não serviu somente para criar e reforçar laços diplomáticos entre os dois países, mas também se tornou um símbolo da trilha brasileira rumo à modernidade. Contudo, esse evento necessita ser analisado com o entendimento do contexto histórico da época de mudanças sociais e culturais que moldaram a identidade nacional brasileira no alvorecer do século XX, configurada num momento de transformações.

FONTES

JORNAL Correio Paulistano, São Paulo, 1890.

JORNAL Correio Paulistano, São Paulo, 1920.

REVISTA A Cigarra, São Paulo, 1920.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006, pp. 39-51.

CARDOSO, Rafael. Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAUFIELD, Sueann. Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados da História**, [S. l.], v. 35, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 10 out. 2024.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. Rituais e símbolos de poder na visita aos reis da Bélgica ao Brasil, 1920 - doi: 10.5216 /hr.v15i2.14234. **História Revista**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 393–419, 2011. DOI: 10.5216/hr.v15i2.14234. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/14234>. Acesso em: 19 out. 2024.

FAGUNDES, Luciana Pessanha. Uma República em festa!: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920). São Paulo: Editora Dialética, 2022.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1989, pp. 143-179.

KOSELLECK, Reinhart. “Modernidade” – Sobre a semântica dos conceitos de movimento na modernidade. In: **Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, pp. 267-303.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A República Consentida: cultura democrática e científica do final do Império. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV/Edur/anpuh, 2007. V. 1. 244p.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. *Tempo [online]*, v. 13, n. 26, p. 15-31, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 35-94.

SEVCENKO, Nicolau. Carnaval na Babilônia. In: **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 24-43.

VELLOSO, Monica Pimenta. **O modernismo e a questão nacional.** In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de A. Neves. **O Brasil Republicano:** o tempo do liberalismo excludente. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 351-386.

WALDMAN, Thaís Chang. **Espaços de Paulo Prado: tradição e modernismo.** Artelogie [online], p. 1-21, 2011.